

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELOS (1851-1925): «intermediária nata entre a cultura neolatina e a germânica»¹

Na minha comunicação vou tentar pôr em relevo aqueles aspectos da vida e da obra de Carolina Michaëlis que a identificam como mediadora científica e cultural entre a Alemanha e Portugal, as duas pátrias - a de nascimento e a adoptiva -, às quais, numa declaração orgulhosa de dupla nacionalidade, tantas vezes confessou sentir-se pertencer. Baseando-me em passos de correspondência inédita e em alguns dados novos que coligi, procurarei acentuar, para além da importante obra como romanista e lusitanista, algumas facetas menos conhecidas da actividade multímoda de D. Carolina, nomeadamente os esforços desenvolvidos na sociedade portuguesa do tempo em prol da instrução e da educação da criança e da mulher, e a divulgação alargada que fez da literatura e da cultura alemãs no nosso país.

Descendente de uma antiga família protestante da Alemanha do Norte, Carolina Michaëlis nasceu, a 15 de Março de 1851, na Prússia pré-bismarckiana, mais concretamente em Berlim – «a metrópole da inteligência»², como ela própria lhe chamou. Seu pai, o Dr. Gustav Michaëlis (1813-1895), que iniciara a sua carreira profissional como professor liceal de Matemática, vem a manifestar interesse pela Linguística Histórica e Aplicada, distinguindo-se especialmente no campo da Ortografia e no estudo e promoção da nova disciplina de Estenografia. Personalidade bem integrada no meio científico e institucional da época, pertencia desde 1850 ao Gabinete de Estenografia da Câmara de Deputados da Prússia; de 1855 a 1889 exerceu o cargo de Director do Gabinete de Estenografia da Câmara

¹ VASCONCELOS, Carolina M. de, “Uriel da Costa. Notas relativas à sua vida e às suas obras”, *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. VIII, 1922, p. 240.

² Discurso da Sr.^a Dona Carolina Michaëlis de Vasconcelos quando da sua tomada de posse como professora ordinária da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (*Revista da Universidade de Coimbra*, vol. I, 1912, p. 195).

dos Pares do Reino, tendo também desempenhado durante alguns anos as mesmas funções no Reichstag. Em 1851 é para ele criada, na Universidade berlinense de Frederico Guilherme, a cadeira de Estenografia, onde primeiro foi contratado como Leitor, passando a partir de 1864 a receber o título de Professor³. Carolina era a penúltima de um grupo de cinco irmãos, entre os quais se contariam também duas figuras notáveis no campo das letras e da educação: o pedagogo Carl Theodor Michaëlis, que ocupou altos cargos na administração escolar de Berlim no tempo do Império, e Henriette Michaëlis, que se notabilizou na área da lexicografia, tendo sido autora de dois dicionários Michaëlis de Alemão-Português e Português-Alemão, os quais ainda hoje são úteis instrumentos de trabalho luso-germanístico. Carolina frequentou dos sete aos dezasseis anos a «Luisenschule», um colégio feminino berlinense de grande nomeada, dirigido pelo célebre filólogo anglista e romanista Eduard Mätzner. Guiada por um professor também muito conhecido dessa escola, o professor Carl Goldbeck⁴, a quem eram especialmente caros os assuntos hispânicos, a jovem Carolina, a par dos estudos das línguas e literaturas clássicas e germânicas, aí se aplicou desde muito cedo ao estudo das línguas e literaturas românicas. Terminado em 1867 o curso secundário, visto as universidades alemãs nessa altura ainda não estarem abertas a estudantes do sexo feminino, é em parte com o apoio do professor Goldbeck, e em parte como autodidacta, que Carolina irá aprofundar os seus conhecimentos de línguas e literaturas clássicas e românicas, ao mesmo tempo que começa a explorar novos domínios, quais sejam o estudo do sânscrito e o das línguas e literaturas eslavas e semíticas, sendo iniciada nessas últimas por alguns professores universitários arabistas que frequentavam a casa paterna. O ambiente intelectual que aí se respirava, marcado pelo dinamismo, versatilidade e curiosidade de Gustav Michaëlis, foi altamente propício ao desenvolvimento das capacidades já de si invulgares que a mais nova das filhas demonstrava.

³ Cf. JOHNEN, Christian, “Michaëlis, Gustav M.”, in *Allgemeine Deutsche Biographie*, Bd. 52, Leipzig, Duncker & Humblot, 1906, p. 374-376, e MALKIEL, Yakov, “Carolina Michaëlis de Vasconcelos (1851-1925)”, *Romance Philology*, XLVII, No. 1, August 1993, p. 5-6.

⁴ Sobre a vida e a personalidade do professor Carl Goldbeck (1830-1900), que desempenhou um papel tão importante na formação literária e cultural de Carolina Michaëlis, leia-se o artigo de Joaquim de Vasconcelos “Carl Goldbeck – 1830-1900”, *Educação Nacional*, Porto, 5º ano, n.º 212, de 14 de Outubro de 1900. Ao contrário do que se poderia pensar da leitura do artigo de W. Mecer-Lübke “Carolina Michaëlis e a Filologia Românica” (*Lusitânia. Revista de Estudos Portugueses*, Lisboa, vol. IV, Outubro de 1927, p. 17-18), em que apenas se atribuem a esse professor trabalhos no ramo da Linguística e da Etimologia do Francês e do Inglês Arcaicos, Carl Goldbeck foi um estudioso das línguas peninsulares e, no que toca à literatura portuguesa, contribuiu para a divulgação na Alemanha da obra de Antero de Quental (cf. VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de, “Antero e a Alemanha”, in *Antero de Quental. In Memoriam*, Porto, Mathieu Lagan Editor, 1896, p. 413).

O período entre os dezasseis e os vinte e cinco anos representa para a jovem erudita um tempo de dura, intensa e variada aprendizagem linguística e literária, em que ocupam relevo muito especial as línguas românicas peninsulares, não tardando a vir juntar-se ao espanhol o catalão e o português. Mas esse período é também já um tempo de considerável produção científica, dado que Carolina, logo a partir de 1867, começa a publicar, em revistas alemãs da especialidade, trabalhos filológicos sobre língua e literatura espanhola e italiana, que lhe valem os maiores elogios por parte de professores de fama internacional, como Friedrich Diez, fundador da Filologia Românica, e os romanistas estrangeiros Mussafia e Gaston Paris⁵. Durante todo esse período trabalha ainda como revisora de textos espanhóis e portugueses para uma importante casa editorial alemã — a editora Brockhaus de Leipzig. Em 1872, já reconhecida em Berlim como especialista em questões ibéricas, aceita desempenhar as funções de tradutora e intérprete ajuramentada em assuntos peninsulares, civis, criminais ou políticos, do Município de Berlim e do Ministério de Negócios Estrangeiros da Prússia. Essa tarefa, para além de constituir um excelente tirocínio nas línguas hispanistas, deu-lhe por certo, no campo das relações humanas e sociais, uma experiência de vida prática totalmente diferente da experiência da erudita que se confina ao seu gabinete de trabalho.

Os anos entre 1872 e 1875 marcam uma decisiva viragem para assuntos portugueses, determinada não apenas por motivos científicos. Os seus estudos tinham entretanto chamado a atenção de um grupo de jovens eruditos constituído por Teófilo Braga, Francisco Adolfo Coelho e Joaquim de Vasconcelos. Esse grupo que, na sequência dos ímpetus regeneradores manifestados durante a Questão Coimbrã, «arvorava exaltadamente o estandarte do germanismo em Portugal»⁶, edita no Porto, de 1873 a 1875, sob a direcção de F. Adolfo Coelho, uma revista de dimensão europeia, intitulada *Bibliografia Crítica de História e Literatura*. Aí se nos depara uma crítica muito elogiosa de Teófilo de Braga à edição michaëliana do *Romancero del Cid* (p. 337-8), feita em 1871 para a casa editora Brockhaus, e, da própria Carolina, uma recensão em língua alemã ao *Dictionnaire d'Etymologie Française* de Auguste Scheler (p. 369-382).

Como leitora e colaboradora da *Bibliografia Crítica* Carolina Michaëlis segue atentamente de Berlim a chamada «Questão do Fausto», uma controvérsia gerada

⁵ Cf. VASCONCELOS, J. Leite de, “Carolina Michaëlis”, *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. V, 1911, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1912, p. 277-278, p. 282 ss., p. 286-287.

⁶ BRAGA, Teófilo, “D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos”, *A Semana de Lisboa*, Suplemento do *Jornal do Comércio*, Lisboa, n.º 45, de 5 de Novembro de 1893.

em torno da versão portuguesa da 1ª Parte do *Fausto* de Goethe, editada em 1872 e composta por António Feliciano de Castilho. Admirando a vis polémica e sobretudo a sólida cultura germânica demonstradas num estudo de Joaquim de Vasconcelos sobre a referida versão faustiana, a jovem cientista imediatamente divulga as publicações deste e dos outros membros do grupo no famoso semanário berlinense *Magazin für die Literatur des Auslandes*. Ao mesmo tempo inicia com o fogaoso polemista uma animada correspondência, que em breve se viria a transformar em romance de amor. Depois de um episódio rocambolésco que provocou sensação no meio berlinense — qual foi a travessia dos Pirinéus a cavalo efectuada por Joaquim de Vasconcelos, quando impetuosamente se pôs a caminho da Alemanha para enfim conhecer Carolina e se lhe deparam as ligações ferroviárias cortadas devido à guerra civil na vizinha Espanha —, o casamento realiza-se em Berlim em 1876 e, após uma longa lua de mel por países mediterrânicos⁷, os noivos vêm fixar-se em Portugal, na capital do Norte.

Os inevitáveis problemas de adaptação à nova vida de mulher casada e dona de uma casa relativamente grande, num meio muito diferente do da metrópole prussiana em que fora criada, e, em 1877, o nascimento dum filho impuseram necessariamente uma pequena pausa ou abrandamento no ritmo da actividade científica de Carolina⁸. A partir, porém, de 1880, inicia-se uma cadeia ininterrupta de publicações dedicadas fundamentalmente ao período medieval e renascentista da nossa história literária, as quais irão trazer à sua autora fama internacional no campo da filologia portuguesa. Numerosos estudos etimológicos, semânticos, ortográficos, morfológicos, sintácticos, literários e motivicos, históricos, biográficos e etnográficos (alguns dos quais estão hoje reunidos nos três grossos volumes de *Dispensos*⁹) acompanham as obras maiores que a consagram como lusitanista e romanista insigne. Delas destaco: 1. as edições críticas das *Poesias* de Francisco de Sá de Miranda (1885) e do *Cancioneiro da Ajuda* (1904), abundantemente comentadas e acompanhadas de pertinentes notas bibliográficas, biográficas e histórico-literárias; 2. as *Randglossen zum altportugiesischen*

⁷ Cf. MALKIEL, Yakov, *art. cit.*, p. 3.

⁸ Sobre algumas dificuldades sentidas por Carolina Michaëlis nos primeiros anos de estada em Portugal e confidenciais em cartas a amigos íntimos, vd. GOLDBECK, Ernst, "Karoline Michaelis de Vasconcelos. Ein Bild aus ferner Jugendzeit", *Die Frau*, Berlin, 1927, p. 213 e 270.

⁹ Cf. VASCONCELOS, C. Michaëlis de, *Dispensos. Originaes Portugueses* (I — Varia; II — Linguística; III — Estudos Camonianos), Lisboa, Edição de "Ocidente" e "Revista de Portugal", 1964, 1970, 1972. Remeto o leitor mais curioso para a bibliografia de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, da autoria de G. Moldenhauer, publicada a p. VII-XXIII da *Revista da Universidade de Coimbra*, vol. XI. *Miscelânea de Estudos em honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933, que daqui em diante, será indicada nas notas apenas pela abreviatura *Moldenhauer*.

Liederbuch [Notas Marginais ao Cancioneiro Medieval Português], publicadas entre 1896 e 1905 em vários números da *Zeitschrift für Romanische Philologie* editada por Gustav Gröber, e os *Estudos sobre o Romanceiro Peninsular, Romances Velhos em Portugal* (1907-1909), escritos, a pedido de Menéndez Pidal, para uma importante revista madrilena; 3. os *Novos Estudos sobre Sá de Miranda* (1911) inseridos no *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*; 4. as minuciosas, exactas e esclarecedoras *Notas Vicentinas*, apresentadas entre 1912 e 1922 como notas preliminares de uma edição crítica das obras de Gil Vicente, que a autora tencionava empreender; 5. o curioso estudo intitulado *A Saudade Portuguesa* (1ª ed.-1914, 2ª ed.-1922), em que, a propósito de uma antiga canção portuguesa quincentista intercalada num drama castelhano inesiano, se ocupa da figura de Inês de Castro, na literatura e na história peninsular, e tece — nas suas próprias palavras — «algumas divagações filológicas, ligeiramente retintas de filosofia»¹⁰ sobre o sentimento doce-amargo da saudade, ora se afastando, ora se aproximando das ideias propagadas pelos principais representantes do movimento saudosista; 6. finalmente, os estudos camonianos sobre *O Cancioneiro Fernandes Tomás* (Coimbra, 1922) e sobre *O Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro* (Coimbra, 1924)¹¹, e ainda a versão portuguesa de sua autoria do importante estudo que Wilhelm Storck dedicou ao poeta, *Luis de Camoens Leben. Neben geschichtlicher Einleitung* (Paderborn, 1890), a qual constitui, pelo valor da tradução e pelas notas que D. Carolina lhe acrescentou, uma autêntica nacionalização do texto original do referido lusófilo¹².

Criada e alicerçada em plena vigência da escola positivista de Gustav Gröber, a produção científica michaëliana é o maior representante em Portugal do rigoroso método histórico comparativo da ciência filológica germânica daquela época. Na verdade, como Albin Eduard Beau muito bem sublinha, Carolina Michaëlis, ao estudar os fenómenos linguísticos e literários portugueses, procura sempre integrá-los «no conjunto das línguas e literaturas neolatinas e, para além delas, na cultura do Ocidente, sem deixar, de resto, de considerar as relações árabes»¹³. Consegue assim detectar e apreciar nos fenómenos analisados ou a sua especificidade própria

¹⁰ VASCONCELOS, C. Michaëlis de, *A Saudade Portuguesa*, 2.ª edição revista e acrescentada, Porto, Lisboa e Rio de Janeiro, Renascença Portuguesa, Scara Nova, e Anuário do Brasil, 1922, p. 119. Veja-se, a este respeito (p. 38 ss.), o confronto que estabelece entre *saudade* e *Sehnsucht*.

¹¹ Esses estudos foram reunidos, em 1980, num só volume pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

¹² Cf. STORCK, Wilhelm, *Vida e Obras de Luis de Camões*. Primeira Parte. Versão do Original Alemão anotada por Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Lisboa, Tipografia da Academia Real das Ciências, 1897 (reprodução fac-similada pela Imprensa Nacional - Casa da Moeda, em 1980).

¹³ BEAU, Albin Eduard, *D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos*, Publicações do Instituto Alemão, n.º 2, Lisboa, 1958, p. 15.

ou as afinidades e paralelismos que apresentam com fenómenos análogos de outros espaços e culturas.

Em 1886, no jornal português *A Província*, Antero de Quental, ao comentar a edição crítica michaëliana das *Poesias* de Sá de Miranda, exalta o carácter vivo e inovador da erudição alemã, apresentando a obra de D. Carolina como exemplo inexcedível desse novo tipo de erudição:

Esse sentimento filológico (geral, humano, crítico, não restrito e nacional) é o que caracteriza, entre todas as nações cultas, o espírito alemão. Na sua imparcial simpatia, tão vasta como a natureza humana, abraça ao mesmo tempo a antiguidade e os tempos modernos, as idades clássicas e os períodos bárbaros, o Oriente e o Ocidente, todas as raças e todas as culturas. Essa simpatia exige uma só condição: a originalidade. Tudo quanto foi realmente vivo, quanto manifestou uma actividade própria, uma maneira sui generis de ser e de sentir, tudo quanto revelou uma face distinta da complexa natureza humana, tem direito à sua atenção.

E é por isso que a erudição alemã se distingue por uma feição única: é uma erudição viva. Houve sempre erudição e eruditos: a curiosidade pelas cousas passadas é uma das funções da inteligência. Mas uma erudição que sente ao mesmo tempo que indaga, que critica e juntamente simpatiza, minuciosa e entusiasta, indagadora e poética, uma erudição que revolve montanhas de textos, datas, documentos, para descobrir, não factos secos e mortos, mas a alma e a vida das cousas extintas, uma erudição, se assim se pode dizer, inspirada [...], uma tal erudição era cousa desusada e sem precedentes. Ela transformou a compreensão da história, fazendo circular uma vida nova através dessas criptas dos séculos sepultos, onde a candia fumosa da velha erudição académica apenas espalhava uma claridade fantástica, quase tão morta como as cinzas que ali repousam.¹⁴

A obra erudita monumental de Carolina de Michaëlis como lusitanista é sem dúvida o seu principal contributo para a mediação científica e cultural entre as duas pátrias. Foi através dela que a insigne romanista deu a conhecer aos próprios portugueses, e tornou conhecidas em todo o mundo, muito especialmente junto dos leitores alemães, riquezas esquecidas da literatura nacional, documentos significativos da nossa cultura, apresentando-os sempre como parte integrante da cultura europeia. Para além da “Geschichte der portugiesischen Literatur” [História da Literatura Portuguesa] escrita para o famoso *Grundriß der Romanischen Philologie* [Compêndio de Filologia Românica] de Gustav Gröber¹⁵, a qual traçou

¹⁴ QUENTAL, Antero de, “Uma edição crítica de Sá de Miranda”, *A Província*, Porto, n.º 145, de 28 de Junho de 1886.

¹⁵ Cf. VASCONCELOS, C. Michaëlis de, e BRAGA, Th., “Geschichte der portugiesischen Literatur”, in *Grundriß der Romanischen Philologie*. Hrsg. von Gustav Gröber, II. Band, 2. Abteilung, Straßburg, Karl J. Trübner, 1897, p. 129-382. Só no último terço da obra houve colaboração efectiva de Teófilo Braga, sendo a totalidade das notas da autoria de Carolina Michaëlis.

para o público culto alemão uma imagem devidamente fundamentada e esclarecedora da literatura e do génio lusitanos, não só grande parte dos estudos filológicos de D. Carolina sobre matéria portuguesa foram publicados em revistas alemãs da especialidade, como também o auto português *Prática de Três Pastores na Noite do Natal* (Braunschweig, 1881), a edição crítica das *Poesias* de Francisco de Sá de Miranda (Halle, 1885), e os dois volumes respeitantes ao *Cancioneiro da Ajuda* (Halle, 1904) vieram a lume na Alemanha, sendo os trechos poéticos desta última obra acompanhados de resumos em língua alemã.

Se a literatura medieval e renascentista foi objecto especial dos estudos de D. Carolina, não deixa também de ser verdade que a língua e a literatura portuguesas modernas lhe mereceram constante atenção. Talvez nem todos saibam que foi co-autora de um *Manual de Conversação, Alemão-Português* (1906)¹⁶, destinado a colegiais e viajantes, que prefaciou com extrema frequência volumes poéticos ou ensaísticos de amigos e conhecidos¹⁷, que conviveu e se correspondeu intensamente com os escritores e eruditos portugueses mais famosos do seu tempo, como, por exemplo, Antero de Quental, Oliveira Martins, Teófilo Braga, Adolfo Coelho, Joaquim de Araújo, Leite de Vasconcelos, Anselmo Braamcamp Freire, Afonso Lopes Vieira, Trindade Coelho, Delfim Guimarães, Jaime Cortesão, Eugénio de Castro, Antero de Figueiredo, Alfredo Pimenta e tantos outros. Dessa vasta correspondência é relativamente escassa a parte já publicada¹⁸.

Em dicionários, enciclopédias, jornais diários e revistas alemãs de divulgação cultural como, por exemplo, *Magazin für die Literatur des Auslandes*, *Vossische Zeitung*, *Deutsche Literaturzeitung*, surgem regularmente, sobretudo nas primei-

¹⁶ Cf. *Moldenhauer*, 115.

¹⁷ Cf., e.g., *Moldenhauer*, 79, 116, 117, 125, 150, 152, 155, 162, 169.

¹⁸ Para além das cartas integradas na correspondência já editada de alguns dos escritores acima mencionados, chamo a atenção para o interesse histórico-cultural e literário da correspondência de C. Michaëlis de Vasconcelos a Delfim Guimarães (*Arquivo Literário*, Lisboa, tomo 14.º, Janeiro-Junho de 1927, p. 173-184, tomo 15.º, Julho-Dezembro de 1927, p. 250-272), a Alfredo Pimenta (in: VASCONCELOS, Carolina M. de, *Das Origens da Poesia Peninsular*, Lisboa, Jos 1931, p. 31-75), a Anselmo Braamcamp Freire (*Arquivo de Bibliografia Portuguesa*, Coimbra, Ano II, nº 8, Out.-Dez. de 1956, p. 367-375), a Afonso Lopes Vieira (in: CASTRO, A. Pinto de, *Coimbra no Pensamento e na Obra de Afonso Lopes Vieira*, Coimbra, Coimbra Editora, 1979, Apêndice II, p. 55-81), a J. Leite de Vasconcelos (in: NUNES, M. Arminda Zaluar, "Correspondência de D.C.M. dirigida a J. Leite de Vasconcelos", *Revista Lusitana*, Lisboa, Nova Série, I, 1981, p. 115-123) e a Joaquim de Araújo (in: MARQUES, J. J. Dias: "Um Postal Inédito de Carolina Michaëlis de Vasconcelos", *Correspondências* I, Lisboa, Colibri, 1998, p. 117-125, e "Correspondência Inédita de Carolina Michaëlis de Vasconcelos sobre o *In Memoriam* de Antero", in *Letras, Sinais*. Para David Mourão-Ferreira, Margarida Vieira Mendes e Osório Mateus. Org. Cristina Almeida Ribeiro *et al.*, Lisboa, Cosmos, 1999, p. 237-247).

ras décadas de estada em Portugal, artigos seus a dar conta das novidades literárias deste canto afastado da Península Ibérica. Foi por intermédio de C. Michaëlis que o professor Carl Goldbeck, seu antigo mestre, divulgou em Berlim junto da *Gesellschaft für das Studium der Neueren Sprachen* [Sociedade para o Estudo das Línguas Modernas] a vida e a obra de Antero de Quental¹⁹, foi ela também que sugeriu a W. Storck a tradução dos sonetos anteriores e serviu de intermediária entre o poeta português e o professor de Münster, acompanhando com dedicado fervor a elaboração das cópias germânicas²⁰. Também a correspondência trocada com a lusófila alemã Luise Ey (1854-1936), uma grande amiga sua que foi durante vários anos leitora de Português na Universidade de Hamburgo e tradutora assídua de muitas obras da nossa literatura, mostra bem com Carolina Michaëlis estava profundamente integrada no meio literário português da sua época. É ela que sugere constantemente a Luise Ey que faça esta ou aquela leitura, que traduza para alemão e divulgue determinadas obras da literatura portuguesa contemporânea, propondo-se apresentar-lhe os respectivos autores ou transmitir-lhe as necessárias informações²¹.

No desempenho do seu papel de mediadora, D. Carolina agiu também no sentido inverso, i.e., procurou também divulgar, na pátria adoptiva, a língua, a literatura e a cultura da pátria de origem e, quando as próprias forças, e sobretudo o tempo, não chegavam, procurou incitar outros a fazer o mesmo. Assim procede, por exemplo, com Antero de Quental, com quem discutiu o projecto de organizar e traduzir uma antologia de lírica alemã, conscientes ambos da enorme riqueza e variedade da Alemanha poética e da escassez e deficiência das traduções portuguesas então existentes²².

Constantemente compara a cultura e educação da Alemanha com a do país que veio habitar, procurando transmitir aqueles aspectos que lhe parecem

¹⁹ Cf. BEAU, A. E., *art. cit.*, e carta de Antero de Quental a D. Carolina Michaëlis de V., de Vila do Conde, 7 de Agosto [de 1885], in: QUENTAL, Antero de, *Cartas II. 1881-1891*. Organização, introdução e notas de Ana Maria Alcmeida Martins, Universidade dos Açores/Editorial Comunicação, 1989, p. 747.

²⁰ Cf. VASCONCELOS, C.M. de, "Antero e a Alemanha", in *Antero de Quental. In Memoriam*, p. 414 e 421, e carta de Antero a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, de Vila do Conde, 25 de Outubro [de 1886] in: QUENTAL, Antero de, *Cartas II. 1881-1891, ed. cit.*, p. 794.

²¹ Cf., e.g., extractos de cartas inéditas de Carolina Michaëlis de Vasconcelos a Luise Ey de 12.2.1902 (sobre Trindade Coelho) e de 24.1.1922 (sobre Antero de Figueiredo, Eugénio de Castro e Eça de Queirós), in: BRAUER, M. Fátima V. F., "Luise Ey e as suas relações com Portugal", *Runa. Revista Portuguesa de Estudos Germanísticos*, n.º 3, 1985, p. 94-96.

²² Infelizmente tal projecto não chegou a realizar-se (cf. VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de, "Antero e a Alemanha", *loc. cit.*, p. 403-405).

representar formas de vida mais avançadas, mais justas e adequadas ao desenvolvimento harmonioso do ser humano. Em face do grande atraso verificado em Portugal no que toca à educação infantil, é com frequência que a vemos debruçar-se sobre essa matéria. Tendo estudado em Berlim — segundo testemunho de Francisco Adolfo Coelho²³ — a teoria e prática do sistema de ensino pré-escolar de Friedrich Froebel, Carolina Michaëlis foi entre nós uma defensora entusiástica dos métodos daquele pedagogo alemão. Em 1875-76 fornece a F. Adolfo Coelho muitas indicações práticas relativas a material e exercícios froebelianos e, mais tarde, como membro da Sociedade de Instrução do Porto, participa activamente na tentativa de criação de um jardim de infância modelo na capital nortenha²⁴. Quanto à aprendizagem das primeiras letras, veja-se, por exemplo, uma série interessantíssima de três artigos, que publicou na revista portuense *Ensino* em 1877, isto é, apenas um ano após a sua chegada a Portugal, sobre a *Cartilha Maternal* e as *Primeiras Leituras* de João de Deus²⁵, obras vindas a lume em princípios desse mesmo ano. No primeiro desses artigos, antes de iniciar o exame crítico e minucioso da *Cartilha Maternal*, D. Carolina dedica longas páginas à situação a seu ver felicíssima da criança alemã na escola pública municipal do seu país e acentua a qualidade e extraordinária riqueza da literatura infantil em língua alemã, para a construção da qual sábios, poetas e músicos não pouparam os seus esforços. A leitura destas páginas leva-nos a compreender o entusiasmo com que acolheu ao longo de toda a vida as iniciativas tomadas nesse domínio por alguns escritores portugueses seus amigos, penso especialmente em Antero de Quental, Trindade Coelho, Afonso Lopes Vieira, Ana de Castro Osório, mas poderia aduzir outros nomes menos conhecidos, como António Pena Filho, Henrique Marques Júnior e Maria da Luz Sobral²⁶, cujas antologias de contos infantis ou lendas populares foram prefaciadas ou comentadas pela sábia alemã. Refira-se a este

²³ Cf. COELHO, F. Adolfo, “O jardim da infância”, *Serões*, Lisboa, 2ª série, vol. IX, n.º 50, Agosto de 1909, p. 126-127.

²⁴ Cf. GOMES, Joaquim Ferreira, *A Educação Infantil em Portugal*, Coimbra, Livraria Almedina, 1977, p. 40-41, 43-47.

²⁵ Vindos a lume pela primeira vez na revista *O Ensino. Jornal do Colégio Portuense* (Ano I, n.º 2, 16 de Outubro de 1877, p. 9-15, n.º 3, 1 de Novembro de 1877, p. 17-19, e n.º 5, 1 de Dezembro de 1877, p. 33-39), estes três artigos foram reeditados pelo Professor Joaquim Ferreira Gomes na *Revista Portuguesa de Pedagogia*, Ano X, 1976, p. 59-93, por ocasião do 1º centenário da publicação da *Cartilha Maternal* de João de Deus. Também as observações críticas que Carolina Michaëlis fez ao ABC de Trindade Coelho demonstram profundo conhecimento da matéria e vivo empenho na campanha de alfabetização do povo português (cf. COELHO, Trindade, *Autobiografia e Cartas*, com um prefácio de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, Lisboa, Francisco Alves & C.ª, 1910, p. XX-XXI e 171-199).

²⁶ Cf. *Moldenhauer*, 79, 117 e 162.

propósito a colaboração muito activa que D. Carolina prestou, em princípios do século XX, à *Biblioteca das Crianças* organizada por Henrique Marques Júnior, tendo ajudado aquele escritor quer na selecção e revisão da tradução de alguns contos de Grimm, quer ela própria traduzindo, de forma primorosa, dois contos: *Der Froschkönig oder der eiserne Heinrich* (O Príncipe Sapo e Henrique, o Fiel Servidor) e *Von dem Machandelboom* (Conto do Medronheiro), publicados respectivamente nos volumes grimmianos *Contos Cor de Rosa* (1906) e *Escrínio de Jóias. Contos Infantis* (1909)²⁷.

Também a educação das jovens mães e os cuidados a dispensar à primeira infância a preocuparam. Depois de incitar um médico portuense seu amigo, o Dr. Moreira Baptista, a traduzir a célebre obra do clínico alemão Fr. Aug. von Ammon sobre os deveres maternos e a educação na primeira infância²⁸, ela própria revê toda a tradução, redige um extenso prefácio para melhor a adaptar e apresentar às leitoras portuguesas e, frisando bem a alta qualidade do manual alemão ora nacionalizado pelo médico portuense e invocando sempre a sua própria experiência, recomenda-o insistentemente como consulta diária das jovens mães e educadoras portuguesas.

Igualmente se empenhou, e desde os primeiros tempos da estada em Portugal, no ensino do trabalho técnico feminino, como o demonstra, por exemplo, um breve artigo publicado na *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*, em que D. Carolina analisa pormenorizadamente o opúsculo de Maria Amália Henriques *A Costura Elementar* (Lisboa, 1881), chamando a atenção da autora para vários estudos alemães de grande qualidade sobre idêntica matéria, cuja tradução vivamente aconselha.²⁹

Na missão assumida como intermediária entre a Alemanha e Portugal, importa também evocar a actividade docente exercida na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, actividade essa que D. Carolina apenas pôde iniciar quando já contava sessenta anos de idade. De facto, só muito tarde é que Carolina

²⁷ Cf. CORTEZ-MESQUITA, Maria Teresa M. B., *Os Contos de Grimm em Portugal. Estudo da Recepção dos Kinder- und Hausmärchen entre 1837 e 1910*, Universidade de Aveiro, 1998 (Dissertação de Doutoramento), p. 379-382.

²⁸ Cf. AMMON, F. A. von, *Deveres Maternos e Educação Primeira da Infância*, traduzido [...] pelo Dr. Albino Moreira de Sousa Baptista [...] Revista e prefaciada por D. C. M. de V., Porto, Figucirinhas, 1902.

²⁹ Cf. VASCONCELOS, Carolina Michaëlis de, "Organização do ensino técnico para o sexo feminino", *Revista da Sociedade de Instrução do Porto*, Porto, vol. I, 1881, p. 325-327.

Michaëlis recebeu da pátria adoptiva alguns frutos e justas homenagens pelo seu extraordinário labor científico e cultural. Distinguida já em 1893 no país natal com o grau de doutor “honoris causa” pela Universidade de Friburgo na Brisgóia, o rei D. Carlos limita-se a conferir-lhe em 1901 — dizem que por iniciativa da rainha D. Amélia — o oficialato da Ordem de S. Tiago. Cabe ao Governo Provisório da Primeira República, com todo o seu empenhamento em prol do ensino, e dentro dele ao ministério presidido por António José de Almeida³⁰, o mérito de em Junho de 1911 a ter nomeado, por distinção, professora ordinária da cadeira de Filologia Germânica da Faculdade de Letras de Lisboa, onde nunca chegou a leccionar porque, desejando continuar a residir no Porto, logo pediu e obteve a sua transferência para a recém-criada Faculdade de Letras de Coimbra.

A partir de Janeiro de 1912³¹, com as idas semanais a Coimbra, onde se demora sempre de segunda a quinta-feira, começa para Carolina Michaëlis um período de intensa actividade docente. Para além da regência das cadeiras de Filologia Românica e Filologia Portuguesa, cujas lições atraíram à velha universidade coimbrã um contingente numeroso de alunos estrangeiros de todas as partes do mundo, leccionou também, desde o ano lectivo de 1912/13 até 1919/20, as disciplinas de Língua e Literatura Alemã, tendo sido nessa Escola a primeira professora catedrática de Filologia Germânica. Graças ao seu prestígio e às relações de correspondência e de cooperação científica que sempre soube manter com professores de várias universidades alemãs, especialmente com as universidades de Berlim e Hamburgo, estabeleceu-se um frutuoso intercâmbio de alunos e doutorandos entre a Faculdade de Letras de Coimbra e a Alemanha. Esse intercâmbio não só reverteu em proveito da romanística portuguesa, mas também provocou grande incremento dos estudos germanísticos em Coimbra, estando na origem da fundação, em Agosto de 1925, do *Instituto Alemão* da Faculdade de Letras de Coimbra — o primeiro Instituto germanístico da Península Ibérica e, segundo Meyer-Lübke, provavelmente o mais antigo em qualquer universidade não alemã.

³⁰ Cf. *Diário do Governo*, de 22 de Junho de 1911.

³¹ Data de 19 de Janeiro de 1912 a apresentação oficial de D. Carolina na histórica Sala dos Capelos. Nesse mesmo ano de 1912, a Academia das Ciências de Lisboa, que já em 1911 lhe dedicara vários artigos de homenagem no fascículo n.º 1 do vol. V do *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, elege-a sócio correspondente (cf. Actas das Sessões de 28 de Março, 30 de Maio e 13 de Junho de 1912, e Parecer redigido por Gonçalves Viana, *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, vol. VI, 1912, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1913, p. 95, 121-125 e 136). Em 1 de Julho de 1916, foi concedido a Carolina Michaëlis de Vasconcelos, por deliberação do Conselho da Faculdade de Letras de Coimbra, o grau de doutor em Filologia Românica e Germânica.

A leccionação da série de cursos acima referidos — Carolina Michaëlis chegou nalguns anos a reger simultaneamente cinco cursos diferentes: Filologia Românica, Filologia Portuguesa, Língua e Literatura Alemã I, II e III — e as múltiplas tarefas pedagógicas daí resultantes, embora extraordinariamente fecundas, foram responsáveis pela não realização ou conclusão de alguns trabalhos científicos há muito planeados. A actividade conimbricense preenche-lhe cada vez mais a vida, provocando não raro um sentimento muito dividido em relação à velha *alma mater*. Disso nos falam muitas cartas da época, como por exemplo uma de 22-III-1919, enviada a Anselmo Braamcamp Freire:

Verdade é que não disponho nem de tantas forças nem de tanto tempo como era para desejar! As idas a Coimbra são incómodas, trabalhosas, e demoradas — e interrompem cada semana os meus afazeres predilectos. Por isso devo reservar obras maiores para o tempo em que estarei livre de aulas. Os meus futuros substitutos vão doutorar-se neste ano e o concurso demora certamente ainda até eu fazer os 70 em 1921! Paciência portanto até então!³²

Aliviada embora da parte germanística no ano lectivo de 1920/21, pelo doutoramento dos discípulos João da Providência Sousa Costa e Ferrand Pimentel de Almeida, C. Michaëlis não conseguiu com a idade da reforma a desejada libertação do serviço docente. Incapaz de recusar os pedidos insistentes do próprio Reitor e dos estudantes da Faculdade de Letras para que não deixasse vaga a cátedra de Filologia Românica³³, foi continuando — apesar de muito fraca e doente — a dar aulas até Fevereiro de 1925, i. e., até poucos meses antes da morte, que vem a ocorrer aos 74 anos de idade, em 16 de Novembro de 1925.

Quero salientar, por fim, uma faceta menos conhecida da personalidade de Carolina Michaëlis, designadamente a simpatia e o interesse que demonstrou pelos movimentos a favor da emancipação da mulher, revelando-se também sob este aspecto como intermediária entre as duas pátrias. Como bem faz notar M. Regina Tavares da Silva, «o convite que [em 1914] lhe foi dirigido para ser a Presidente honorária do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, para além de uma

³² Carta de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos a Anselmo Braamcamp Freire, datada do Porto, de 22-III-19, *loc. cit.*, p. 375.

³³ A este propósito vale a pena traduzir um passo de uma carta de Carolina Michaëlis de Vasconcelos a Luise Ey, escrita na Páscoa de 1921: «Aqui tenho de abrir um parêntesis para dizer que entre Abril e Julho volto a ir a Coimbra por pedidos insistentes do Reitor e dos estudantes, porque o Curso de Filologia Românica ficou fechado desde Outubro — e ninguém pode negar aos estudantes o seu direito ao ensino» (*apud* EY, Luise, “Carolina Michaëlis de Vasconcelos. Ein Gedächtnisblatt”, *Die Frau*, Berlin, Jan./Februar 1927, p. 278-279).

homenagem ao seu prestígio de mulher, foi certamente o reconhecimento explícito [dum] interesse que já vinha de longe»³⁴. É de imaginar que as ideias feministas de D. Carolina se tenham formado durante os anos de menina e moça em Berlim, pois sabemos que no círculo mais chegado das suas amigas de então se contava Helene Lange, que viria a ser no mundo germânico uma das personalidades mais notáveis do movimento feminista burguês e dentro deste aquela que desde o início dos anos 70 do século XIX mais empenhadamente lutou pela causa da instrução e educação das mulheres alemãs, tendo desempenhado um papel decisivo na criação dos primeiros liceus femininos na Alemanha e na formação das respectivas professoras³⁵.

Sendo Carolina Michaëlis, na sua época, um dos maiores exemplos vivos, se não o maior, da capacidade intelectual e científica feminina — Wilhelm Storck chamara-lhe «a mulher mais sábia do seu tempo» —, não admira que tenha sido escolhida como representante das mulheres hispânicas junto da Liga de Associações Femininas Alemãs [Bund Deutscher Frauenvereine]³⁶, de que era presidente a sua velha amiga Helene Lange. Na realidade, sabemos que esta e outras associações congêneres constantemente a assediavam com convites para participar em reuniões internacionais ou com pedidos de esclarecimento acerca da situação da mulher na Península Ibérica. Tanto na resposta a essas solicitações como nas cartas sobre matéria análoga dirigidas à sua amiga íntima Luise Ey, e ainda em cinco extensos artigos sobre o Congresso Feminista de Berlim publicados, de 19 a 27 de Novembro de 1896, n' *O Comércio do Porto*, C. Michaëlis revela-se extraordinariamente bem informada a respeito das deficientes condições de vida das mulheres portuguesas e demonstra conhecer muito de perto as principais figuras ligadas aos primórdios do feminismo em Portugal³⁷.

³⁴ SILVA, M. Regina Tavares da, "Carolina Michaëlis de Vasconcelos", *Comissão da Condição Feminina*, Lisboa, Boletim 3, Julho/Setembro de 1981, p. 27.

³⁵ Sobre Helene Lange (1848-1930), cf.: BÄUMER, G., *Gestalt und Wandel. Frauenbildnisse*, Berlin, 1939, p. 349-400, e FRANDSEN, Dorothea, *Helene Lange*. Hrsg. von der Niedersächsischen Landeszentrale für politische Bildung, Hannover, 1974.

³⁶ Assim é Carolina Michaëlis de Vasconcelos expressamente designada («als die uns bekannte Repräsentantin der Frauen Spaniens und Portugals») num convite oficial que lhe é endereçado pela Liga de Associações Femininas Alemãs para participar no Congresso Feminino Internacional de Berlim, em 1904. Esse convite, de que possuímos uma fotocópia amigavelmente cedida pela Dr.^a Maria de Fátima Brauer, faz parte do espólio de Luise Ey descoberto no Instituto Ibero-Americano da Universidade de Hamburgo.

³⁷ Efectivamente, nas cartas trocadas entre C. Michaëlis e L. Ey são frequentes as referências a personalidades femininas bem conhecidas da vida nacional (e.g.: Ana de Castro Osório, Olga Morais Sarmiento da Silveira, Cláudia de Campos, Domitila de Carvalho) e às preocupações que as animam, aconselhando D. Carolina muitas vezes a sua amiga alemã a entrevistá-las ou a ler determinados livros

Num longo estudo em alemão sobre o movimento feminista na Península Ibérica, escrito, a pedido expresso de Helene Lange, para ser integrado no primeiro volume do *Handbuch der Frauenbewegung* (Berlim, 1901, p. 424-455)³⁸, D. Carolina traça um quadro completo e pormenorizado da situação jurídica, política, social e económica das mulheres do nosso país, insistindo acima de tudo na questão da instrução que, com inteira justiça, considera absolutamente prioritária. Como trouxera da sua pátria e realizara pelo seu exemplo de vida um padrão superior de cultura, analisa, denuncia o grande atraso educacional da mulher portuguesa de uma perspectiva especialmente crítica, focando não apenas o analfabetismo das classes inferiores mas também a indigência cultural e intelectual da mulher dos estratos sociais mais elevados; porém, à semelhança do que faz nos seus estudos filológicos, nunca abstrai os factos analisados do contexto sócio-histórico e cultural em que estão inseridos, procurando sempre, numa atitude de crítica construtiva e equilibrada, detectar as suas motivações mais profundas, compreender os problemas específicos que se põem e valorizar os mínimos sinais de esperança. A parte final do ensaio é dedicada à apresentação de uma galeria de mulheres e homens portugueses defensores das novas ideias, os quais lhe parecem anunciar a afirmação do movimento feminista entre nós³⁹.

Na mesma altura em que tão preocupada se mostra com a problemática feminina na sociedade portuguesa do seu tempo, Carolina Michaëlis reúne, sob a forma de livro, dois estudos biográficos sobre mulheres renascentistas que já anteriormente publicara em revistas portuenses dos anos 80 e 90. Um desses estudos — o que dá o nome ao volume — trata da Infanta D. Maria e das suas damas, o outro da erudita eborense Públia Hortênsia de Castro. A ambos a sábia romanista antepõe um prefácio no qual começa por lamentar que em Portugal, nos séculos passados, os biógrafos de mulheres ilustres, usando um pincel demasiado frio e ascético proveniente do catolicismo peninsular, tenham reduzido quase todas

e opúsculos por elas editados (cf., e.g., carta inédita de Carolina Michaëlis a L. Ey, de Março de 1906). Registe-se, por sua vez, que Olga M. Sarmiento da Silveira, directora da revista lisboeta quinzenal *Sociedade Futura*, dedica a Carolina Michaëlis um artigo de homenagem, a 1 de Fevereiro de 1903, no n.º 17 e 18 do referido quinzenário. É também bem significativo do prestígio de que Carolina M. de Vasconcelos gozava nos meios feministas o número inteiro de homenagem que, um ano após a sua morte, lhe é dedicado pela revista *Alma Feminina* (Ano X, n.º 2, 2º trimestre de 1926).

³⁸ Cf. *Moldenhauer*, 90. Desse estudo é publicada n' *O Primeiro de Janeiro*, de 11 a 18 de Setembro de 1902, em versão portuguesa de Duarte Leite, toda a parte respeitante a Portugal.

³⁹ Entre as mulheres, D. Carolina destaca os nomes de algumas escritoras e jornalistas lisboetas como Cláudia Campos, Alice Pestana, Ana de Castro Osório, Maria Veleda e Olga Morais Sarmiento da Silveira. Quanto aos homens que se empenharam a favor da causa feminina, nomeadamente no que diz respeito ao problema crucial do ensino, recebem menção especial D. António da Costa, primeiro ministro da Instrução Pública (1870), Sebastião de Magalhães Lima e Bernardino Machado.

as figuras femininas retratadas ao tipo ideal da “mulher santa, virgem e freira — ou freirática”⁴⁰. Por isso mesmo excluíram das suas obras — as palavras seguintes são da própria Carolina Michaëlis —

[...] as entidades abertamente más, as naturezas problemáticas, e as mulheres fatais, sem outra culpa que não seja o seu encanto feminil. Não quisram saber das grandes exaltadas, peculiarmente caras aos investigadores modernos, como Soror Mariana, autora da obra prima do amor feminino, nem das criaturas de alma voluptuosamente apaixonada, olhos, gestos e dizeres de criança que os poetas immortalizaram, como a Maria de Cristóvão Falcão, a das lágrimas doces; a Menina e Moça dos olhos verdes que enfeitiçou o romântico Bernardim Ribeiro; a Natércia de Camões, cabeça de ouro e neve — figuras que em qualquer panteão moderno de notabilidades femininas hão-de forçosamente constituir uma categoria à parte, e não a menos interessante e sugestiva. Há muito que penso num tal panteão e junto materiais para o construir.⁴¹

Carolina Michaëlis nunca chegou a poder realizar esse plano. No entanto, dentro do contexto literário nacional, as suas monografias sobre damas renascentistas, independentemente do valor científico que têm para o estudo da época áurea do humanismo português, valem como análises pioneiras da psique feminina; em anos posteriores outras escritoras, seguindo-lhe o exemplo, vieram a debruçar-se sobre alguns vultos femininos controversos da nossa história pátria.

A este propósito é curioso ainda verificar que, por ironia do destino, aquela que com tanto ânimo se insurgiu contra o beatificante costume português de envolver em aura de santidade toda a mulher que se eleve da esfera comum, também acabou por deixar atrás de si, como se pode ser nos inúmeros testemunhos dos contemporâneos, uma imagem tão perfeita de inteligência, sabedoria e bondade que já em vida muitos lhe chamavam carinhosamente «Santa Carolina»⁴² e, depois de morta, um dos seus últimos discípulos — o Professor Vitorino Nemésio — também a canonizou, se bem que com o epíteto híbrido e heterodoxo de «Santa Minerva»⁴³.

Para finalizar gostaria de traduzir as palavras com que Carolina Michaëlis de Vasconcelos, já septuagenária, se autocaracterizou numa carta inédita dirigida a Luise Ey, de 21 de Março de 1921:

⁴⁰ Cf. VASCONCELOS, C. M. de, *A Infanta D. Maria de Portugal (1521 a 1577) e as Suas Damas*, Porto, Sousa & Irmão, 1902, p. 3.

⁴¹ *Idem, ibidem*, p. 3-4.

⁴² Cf. COSTA, João da Providência, “D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos. III”, *Biblos*, Coimbra, vol. I, 1925, p. 585.

⁴³ Cf. NEMÉSIO, Vitorino, “Santa Minerva”, *Diário Popular*, de 30 de Junho de 1947, p. 5.

De modo algum me considero superiormente dotada. Um pouco de discernimento, que procura apreender e representar, de forma fria e clara, os fenómenos no seu conjunto; uma certa persistência, apostada em pensar as ideias até ao fim; prazer no trabalho e paciência; a fantasia necessária para decifrar enigmas, parecem-me ser estas as qualidades que me levaram até à senhora FILOLOGIA. Como professora, o meu entusiasmo e a capacidade de tudo animar, mesmo as coisas mais insípidas, fizeram-me conquistar o amor de alunos e alunas. E a solicitude e benevolência que me são inatas granjearam-me em abundância a simpatia dos colegas e colaboradores. Mesmo que eu aqui neste país apenas tenha estimulado os outros e dado exemplo de como se trata um texto, se analisa um escritor, etc., mesmo que no futuro nenhum resultado continue de pé, mesmo assim a minha actividade não foi em vão. Seja como for, tornou a minha vida rica e bela, e ensinou-me a superar ou a suportar as dores, preocupações e contrariedades que a vida real traz consigo.

Revelando-se bem consciente quanto ao valor pioneiro da sua actividade exemplar no campo da filologia portuguesa, Carolina Michaëlis, com verdadeiro espírito científico, aceita serenamente a possibilidade de os resultados das suas investigações virem a ser postos em causa ou ultrapassados por estudos posteriores. Perante a evolução dos conhecimentos romanísticos, podemos hoje afirmar que de facto várias vezes tal tem vindo a acontecer. Não obstante, continua válida a lição de trabalho crítico e rigoroso, paciente e tenaz (*per aspera ad astra*, era a sua divisa), com que esta imigrada alemã contribuiu para o desenvolvimento dos estudos filológicos em Portugal e para a sua divulgação além-fronteiras.

Celebrada quase sempre exclusivamente por ter insuflado em Portugal novo vigor à investigação científica praticada em círculos académicos e eruditos, é justo que se diga que D. Carolina não se limitou a ser mestra de universitários. Mulher completa e plenamente inserida na sua época, foi acima de tudo — não apenas em Coimbra junto de colegas e discípulos, mas junto de todos que com ela conviveram — uma digníssima representante de um ideal de cultura universal e humanista que ilumina a intensa e variada actividade de mediação científica e cultural entre a Alemanha e Portugal que tão bem soube desenvolver e de que todos continuamos a beneficiar.*

Maria Manuela Gouveia Delille
(Universidade de Coimbra)

* A presente comunicação insere-se na Linha de Acção n.º 1 – “Relações literárias e culturais luso-alemãs” – do Centro Interuniversitário de Estudos Germanísticos (CIEG), Unidade de I & D financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, no âmbito do Programa POCTI.